

Distopia¹ em foco: Perspectiva de vida entre as nuvens em *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), de José Eduardo Agualusa / *Dystopia in focus: Perspective of life between the clouds in em A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), by José Eduardo Agualusa

*Elesa Vanessa Kaiser da Silva **

RESUMO

Narrativas juvenis contemporâneas atraem muitos leitores, movimentam o mercado editorial e inovam tanto no formato da diagramação quanto no conteúdo literário. Em meio às obras que se destacam, estão as distopias, as quais atraem um número considerável de admiradores e são reconhecidas em premiações de caráter literário. *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), de José Eduardo Agualusa, por exemplo, recebeu os Prêmios da ALIJA (Asociación del Libro Infantil y Juvenil de la Argentina) 2016, categoria tradução e da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) 2016, categoria Literatura Portuguesa. Neste artigo, busca-se analisar a obra supracitada, com intuito de investigar como se constrói a narrativa, bem como características do gênero distopia e o diálogo que a mesma articula prendendo a atenção do leitor e conquistando prêmios de suma importância no mercado editorial. Como referencial teórico, foram utilizadas obras de Russel Jacoby (2001), Antônio Candido (2006), Tzvetan Todorov (2009), dentre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Distopia; A vida no céu.

ABSTRACT

Contemporary juvenile narratives attract many readers, move the publishing market and innovate both in the format of the diagram and in the literary content. Among the works that stand out are the dystopias, which attract a considerable number of admirers and are recognized in prizes of literary character. A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores (2015), by José Eduardo Agualusa, for example, was awarded the ALIJA (Children's and Juvenile Book Association of Argentina) Prizes 2016, translation category and FNLIJ Children and Youth Book) 2016, category Portuguese Literature. In this article, it seeks to analyze the aforementioned work, in order to investigate how the narrative is constructed, as well as characteristics of the genre dystopia and the dialogue articulated by it, capturing the reader's attention and winning prizes of great importance in the publishing market. As a theoretical reference, works by Russel Jacoby (2001), Antônio Candido (2006), Tzvetan Todorov (2009), among others, were used.

KEYWORDS: Literature; Dystopia; A vida no céu (2015).

¹ Distopia: “Termo geralmente interpretável como sinônimo de ‘anti-utopia’ e aplicado a uma obra que põe em causa ou satiriza alguma utopia ou que desmitifica tentativas de apropriação totalitária de um cenário utópico.” (CEIA, EDTL, 2017).

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Literatura, Memória, Cultura e Ensino. Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE. Cascavel, Paraná, Brasil. elesaks@hotmail.com.

1 Narrativas distópicas na contemporaneidade

Dentre as produções literárias campeãs em vendas, estão as distopias, as quais conquistaram espaço de destaque, não somente nas vitrines de livrarias, mas também nas preferências de leituras, principalmente entre leitores jovens. Desta forma, a repercussão na Internet influencia o mercado editorial e impulsiona um número considerável de narrativas distópicas e, assim, a mediação ocorre por diferentes meios, formas e/ou suportes.

De acordo com Valente (2010, p. 70), “Por se tratar de Literatura, o gênero abre-se a outras possibilidades de vivência da realidade, seja ela compreendida pelo seu mundo mais subjetivo, seja ampliada a questões em escala mundial”. Nesse sentido, as narrativas distópicas são uma porta de entrada para o leitor mergulhar no universo literário que é inovado por escritores de todas as idades, os quais atraem muitos fãs.

Uma infinidade de distopias são *consumidas* constantemente, pois o gênero é recorrente em diversas produções artísticas, como em produções cinematográficas, por exemplo. Desse modo, para compreender melhor as características do gênero distopia, utiliza-se, neste estudo, obras do teórico Russell Jacoby, o qual em suas obras, *Imagem Imperfeita* (2007) e *O fim da Utopia* (2001), apresenta reflexões que iluminam a compreensão deste gênero que se destaca na contemporaneidade.

Jacoby (2007) apresenta ao leitor, o paradoxo que persiste na contemporaneidade, que de certo modo, é representado também na ficção:

Toda generalização é falsa. Vivemos em uma época de esperança e transformação. Também vivemos em uma época de resignação, rotina e talvez alarme. Prevemos que o mundo vai melhorar, tememos que ele piore. Existimos em meio a inacreditavelmente ricos e a uma pobreza paralisante. Conduzimos nossas vidas em paz e somos cercados pela violência. Os ricos, em condomínios espaçosos, preocupam-se em manter seus carros esportivos sem arranhões. Os pobres, em guetos imundos, sonham com água limpa, enquanto os refugiados das infimas guerras civis, com quatro paredes e um teto. (JACOBY, 2007, p. 25).

A desigualdade social, que se perpetua no decorrer dos tempos, também é considerada na obra distópica a ser analisada neste artigo, pois, ascendendo aos céus, os personagens de *Agualusa* (2015) também representam/vivenciam condições de sobrevivência determinadas pela classe social a qual pertencem.

Questionamentos em relação à distopia são considerados nos estudos de Jacoby (2007), a partir das definições de utopia, pois, embora não sejam iguais ou opostos, os termos estão interligados: “[...] Será a distopia o oposto da utopia – do mesmo modo em que a escravidão é o oposto da liberdade ou o frio é o oposto do quente – ou será que ela emerge da própria utopia?...” (JACOBY, 2007, p. 33).

E desta forma, são consideradas algumas comparações para exemplificar:

Poucos seriam capazes de sustentar que a liberdade leva à escravidão ou que a água gelada ferverá, mas muitos de fato argumentam que a utopia leva à distopia – ou, pelo menos, que há muito pouco que distinga as duas.

A distopia não está para a utopia assim como a dislexia está para a leitura.

As outras palavras compostas a partir do prefixo “dis-”, derivadas de uma raiz grega que significa doença ou imperfeição, são formas distorcidas de algo saudável ou desejável, mas a distopia é considerada menos como uma utopia deteriorada, do que como uma utopia desenvolvida. As distopias são habitualmente vistas não como oposto das utopias, mas como o seu complemento lógico. (JACOBY, 2007, p. 33).

Sendo assim, *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), de José Eduardo Agualusa, caracteriza-se como uma distopia ao projetar uma possibilidade de futuro pior, e neste caso, após um desastre natural, ocorrido como consequência do aquecimento global, acarretando em uma temperatura intolerável sobre a superfície da terra (agora transformada em mar), sendo a população mundial obrigada a ascender aos céus, sobrevivendo literalmente entre as nuvens. De acordo com Jacoby (2007):

Aqui reside a diferença entre utopia e distopia: as utopias buscam a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas; as distopias buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade. (JACOBY, 2007, p. 40)

Escrita com os filhos e dedicada a eles, segundo depoimento do autor, a obra é destinada aos jovens leitores, os quais, levados pelo interesse de novas descobertas, navegam entre as páginas, permitindo-lhes visualizar o céu sob outra perspectiva, pois, “as utopias e as distopias acionam aspectos do imaginário humano que funcionam simultaneamente como crítica do tempo presente e projeção das possibilidades futuras”. (PAVLOSKI, 2005, p. 07). Além do mais,

É importante salientar o reconhecimento que se estabelece entre o protagonista e o leitor a partir do texto, uma vez que ao partilharmos os pensamentos da personagem e nos juntarmos à sua jornada pelo universo da distopia, nos tornamos parte de sua consciência e, em certa medida, redimensionamos o nosso próprio modo de compreender o mundo no qual estamos inseridos. (PAVLOSKI, 2005, p. 14)

Sendo assim, “chama a atenção no que se refere à capacidade desses textos em ficcionalizar o futuro e promover reflexões sobre os rumos da própria história”. (PAVLOSKI, 2005, p. 192).

A obra distópica assim problematiza uma realidade possível na terra, trazendo em cena as consequências do aquecimento global que não só na ficção, mas também na realidade, tem seus impactos que ameaçam a vida dos seres que habitam este mesmo planeta.

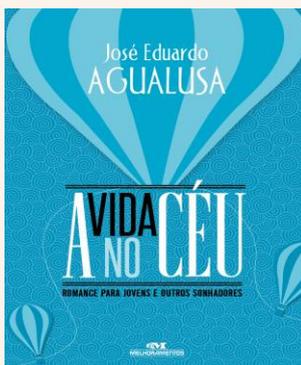
Invertendo o imaginário entre céu e terra, na distopia de Agualusa, o céu deixa de ser um destino utópico/ideal, mas sim anti-utópico, ou seja, consequência da destruição do mundo. E a partir disso, o desejo de alcançar/descer à terra passa a ser o principal objetivo dos personagens, sendo esta uma forma utópica/idealizada de vida.

Do mesmo modo, *estar entre as nuvens*, na narrativa, passa a atingir o sentido literal, ou seja, embora com condições restritas, passa a ser a única maneira de sobrevivência dos seres que antes habitavam a terra.

2 Como seria o mundo se, de repente não tivéssemos mais a possibilidade de viver em terra?

A diagramação do livro, da edição do ano de 2015, da Editora Melhoramentos, é inovadora em relação às cores, texturas, ilustrações, capa e na obra como um todo que sugere uma leveza, proporcionando ao leitor embarcar na viagem entre as páginas as quais evocam o próprio céu, cenário da narrativa.

Fig. 1 Capa do livro *A vida no céu* (2015), de José Eduardo Agualusa



São apresentados capítulos separados por páginas coloridas, nos quais constam palavras-chave e suas definições, conforme o *Dicionário Filosófico do Mundo Flutuante*, e na própria capa, convida o leitor, a acessar o *Book Trailer*², leitura de um trecho e sinopse desta obra no *site* da *Editora Melhoramentos*.

A narrativa assim é conduzida pelo narrador-protagonista Carlos, um adolescente angolano de 16 anos que vive em Luanda, em um conjunto de balsas cuja fonte de renda passa a ser o aluguel, bem como empréstimo das obras, sendo sua mãe, a bibliotecária-chefe da aldeia-biblioteca.

Em *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), o dilúvio, causado pelo aquecimento global, ocasionando o desaparecimento dos países terrestres, obriga os seres humanos a buscarem novos meios de sobrevivência, a partir da construção de sociedades flutuantes. No entanto, a condição socioeconômica é decisiva em relação às possibilidades de sobrevivência, sendo que,

Apenas um por cento da humanidade conseguiu ascender aos céus, escapando do inferno, lá em baixo. Uns seis milhões de navegantes. A maioria das balsas resistiu, infelizmente, pouco tempo. Caíram. Afundaram-se no mar. Dez anos depois do Dilúvio já só permaneciam entre as nuvens uns dois milhões de pessoas. (AGUALUSA, 2015, p. 08)

Entre as maiores cidades que ascenderam aos céus estão os dirigíveis São Paulo, Tóquio e Nova York. As menores, de condições financeiras inferiores, se organizaram em balões, formando aldeias, conforme o Quad. 1.

² *Book Trailer*, sinopse e trecho da obra disponíveis em: <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/a-vida-no-ceu/>

Macroespço – céu		
Microespaços		
Cenários		Natureza
Meios de transporte = habitação		
Navios-cidade	Xangai	Terra Ilha Verde
	New-York	Rio
	São Paulo	Floresta
	Tóquio	Mar
	Paris	Biblioteca "de livros em papel"
		Sala
	Apartamento	
	Piscinas	
	Discotecas	
	Bares	
	Cafés	
Balões – aldeias suspensas	Aldeia-biblioteca (Luanda)	
	Aldeia-oficina (Manila e Marraquexe)	
	Aldeias especializadas em comunicações (<i>Apple</i> e <i>Facebook</i>)	
	Aldeias-casino	
	Aldeia jardim zoológico (Nairobi)	
	Aldeia indonésia - Jakarta	
Balsas autônomas	Maianga (habitação do protagonista)	
	Balsas pesqueiras	

Quad. 1: Síntese da categorização espacial.³

Ao citar, na ficção, nomes de cidades e lugares existentes e conhecidos, a narrativa envolve o leitor, ampliando a visão de mundo, ou seja, entrando em contato com outra perspectiva de vida diferente da qual o mesmo está inserido.

O pai de Carlos, após cair da balsa em uma tempestade, fica desaparecido. Inconformado com a possibilidade de ter perdido o pai, Carlos resolve então partir para procurá-lo, e segue uma pista que o leva a pousar no mais belo dos zepelins, o Paris, onde encontra Aimée, uma garota de 14 anos que se torna sua companheira de aventuras.

Agualusa utiliza uma linguagem simples, com muitos diálogos entre os personagens, gírias, regionalismos, provérbios, termos científicos, metáforas, entre outros recursos, que exigem do leitor atenção a vários detalhes em uma mesma página, que, de certo modo, também prendem a atenção para acontecimentos que não se estendem, mas são significativos para a compreensão de toda a narrativa.

Embora os dramas do presente ameacem a harmonia, valoriza-se a memória na obra, pois, o que move os personagens, é a busca por reencontrar terra, de cujo cheiro e estabilidade só os mais velhos recordam-se.

– Do que tem mais saudades, lá, da terra?
Já sabia a resposta. A resposta é sempre a mesma:

³ Disponível em: http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2605/1/Dulce_%26_Balula%20%282014%29.pdf.

– Queria correr. Do que tenho mais saudades é de correr, de andar, andar, andar, de me poder mover para toda a parte. E das árvores, sim, tenho muitas saudades das árvores.

Aimée interessou-se:

– Dizem que havia árvores gigantescas.

– Sim, filha – confirmou o velho. – Havia árvores enormes e muito, muito velhas. As árvores eram os seres mais velhos do planeta. Morreram todas.

Acho que morreram todas.

– Nós temos árvores, lá no Paris...

– Árvores?! – O velho riu-se, descrente. – Oh, as árvores! As árvores não são como os homens, precisam de raízes. Não fincam raízes nas nuvens. Ninguém finca raízes nas nuvens. Às vezes sonho com árvores. Sonho com carvalhos, com oliveiras. Sonho até com eucaliptos. Lá, na terra, eu antipatizava com os eucaliptos. Agora, se voltasse a encontrar um eucalipto, abraçar-me-ia a ele. Pedia-lhe perdão. (AGUALUSA, 2017, p. 53)

Nota-se que a literatura problematiza questões referentes à sustentabilidade, possibilitando, ao leitor refletir sobre o próprio contexto em que está inserido. Trata-se de uma narrativa linear, marcada pelas lembranças.

Observa-se que os personagens da obra são de uma rica diversidade cultural e de todas as idades. A condição socioeconômica diferencia também a personalidade dos mesmos, sendo que os mais pobres considerados aventureiros e os mais ricos, embora possam desfrutar de condições melhores de sobrevivência são, de acordo com o narrador-protagonista, condenados ao tédio:

Não invejo a vida dos ricos. Sim, eles alimentam-se melhor do que nós. Podem esperar, a cada dia, uma refeição diferente. Não sofrem com o frio nem enfrentam o terror das grandes tempestades. Em contrapartida, padecem de um tédio infundo, o que se afigura, para mim, a pior das condenações. (AGUALUSA, 2015, p.33)

De acordo com Carlos, “Os jovens parisienses dos andares superiores são, quase todos, tão vazios e estéreis quanto um mar sem peixes” (AGUALUSA, 2015, p.33). A crítica social recai sob a perspectiva de que a riqueza não garante a felicidade. Embora Aimé, assim como seu irmão, sejam ricos, são exceções na narrativa, pois, a adolescente é quem toma iniciativa nos principais acontecimentos da história, principalmente no plano de resgate do pai de Carlos, e é também corajosa, inteligente e independente. Já Carlos, embora independente e aventureiro, está submetido ao trabalho exaustivo e à condição de inferioridade “Nas cozinhas havia sempre muito que fazer. Descascava

batatas, lavava pratos, varria o chão. Nunca me conseguia deitar antes das duas da manhã. Regressava exausto à velha balsa, deixava-me cair na cama e adormecia”. (AGUALUSA, 2015, p. 10).

Embora Carlos e Aimé pertençam a classes sociais opostas, mantêm uma grande amizade e apaixonam-se um pelo outro. No entanto, Carlos, por ser imigrante, sofre preconceito e violência física por parte de outros personagens, do grande dirigível:

– Já deixam entrar imigrantes nesta espelunca?
Olhei-o, atônito. Nasci numa pequena aldeia, e sei que posso parecer às vezes um tanto simplório e ingênuo. Contudo, habituei-me desde cedo a enfrentar tempestades. Ergui-me e encarei o imbecil. Perguntei-lhe o nome. Ele hesitou. Voltou-se na direção de um grupo de garotos, muito emproados, que cochichavam entre si, e gritou:
– O parolo quer saber como me chamo.
Dominei a irritação, e voltei a sentar-me, decidido a ignorá-lo. Não tive sorte. O magricela agarrou-me pela gola da camisa:
– Volta para a tua balsa. Paris é para os parisienses. (AGUALUSA, 2015, p.28)

Para Patrick Maciel, personagem desta mesma narrativa, navegador solitário, parisiense que visitou diversas aldeias e escreveu livros sobre suas viagens, “Todos os parisienses deviam fugir, de vez em quando. Voltariam mais ricos e, ao mesmo tempo, mais humildes.” (AGUALUSA, 2015, p.32).

O leitor de *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), como se ascendesse ao céu junto às aldeias e grandes dirigíveis, passa a entrar em contato com aventuras, mistérios, ironias, conflitos, lendas, romances e diversos temas, dentro de uma única obra, o que sugere uma representação da própria realidade, marcada também pela intensidade de informações que marcam a contemporaneidade.

Amigos virtuais, redes sociais e termos científicos fazem referência ao mundo tecnológico, no entanto, não significam uma projeção futurista, pois, os recursos tecnológicos citados já são utilizados na rotina dos jovens da atualidade, como o *Facebook*. A pesquisa virtual passa a fazer parte da narrativa, como a *Skypedia*, “um dicionário exaustivo de aldeias, grandes cidades (dirigíveis), balões empresa, balões-pesqueiros, postos de abastecimento de hélio, gasoleiras, e quase tudo quanto voe ou flutue, exceto aves legítimas e papagaios de papel” (AGUALUSA, 2015, p 41).

O uso da Internet é frequente, sendo que, quando os personagens, em busca da *ilha verde*, saem da rota e perdem a conexão, sofrem as consequências pela falta de

comunicação. E é neste momento que se valoriza o personagem Patrick deficiente visual que, por ter desenvolvido habilidades auditivas, consegue se localizar através dos ventos.

– Sim, vocês, que veem, tendem a desvalorizar outros sentidos, como o olfato e a audição. Nasci cego, mas, é claro, também me sirvo de instrumentos de navegação e uso a Internet. Contudo, aprendi a ouvir o vento. Um grande dirigível avançando à minha frente, numa noite calma, produz um rasto sonoro bastante fácil de seguir. Assim, fui atrás dele e, enquanto o fazia, informei Washington e outras grandes cidades. Fiz isso, claro, antes de eles mergulharem neste céu sem Deus. A seguir, para piorar tudo, deixei-me vencer pelo sono. Adormeci durante alguns minutos e quando despertei tinha-os perdido. (AGUALUSA, 2015, p. 74)

As temáticas presentes na obra literária, como: multiculturalismo, doença, deficiências, questões ambientais, preconceito com imigrantes, fronteiras, corrupção, determinação da mulher, a luta pelos sonhos, valorização de memórias, maturidade, dentre outras, são alguns dos exemplos da diversidade que o leitor passar a vivenciar por meio desta narrativa juvenil.

Diante do exposto, é possível observar que os personagens, sobretudo o narrador-personagem, se constituem segundo o contexto em que estão inseridos. E assim, de acordo com Todorov, a literatura:

[...] amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24):

Ao mesmo tempo em que seguem em busca da *ilha verde*, os personagens de Agualusa (2015), também aprimoram sua natureza humana, tornando-se mais humanos e sensíveis consigo mesmos e com os outros. Enquanto o leitor, conforme Todorov (2009), busca na literatura, compreender melhor o mundo e a si mesmo e assim realizar-se pessoalmente, ampliando seus horizontes de expectativas, formando-se e humanizando-se pela leitura literária.

E assim, ao final o leitor pode também surpreender-se em relação às suas próprias expectativas construídas no decorrer da leitura da narrativa, como também buscar sua própria ilha futuramente: “– É na Amazônia, caramba! A *Ilha Verde* fica muito próximo de São Gabriel da Cachoeira, onde o meu pai nasceu”. (AGUALUSA, 2015, p. 66).

Ao leitor, se possibilita a identificação com a realidade e conforme Aguiar e Martha (2006), ao corresponder ou romper com as expectativas, o texto estabelece o diálogo, o questionamento e o alargamento dos horizontes culturais, gerando o prazer da leitura e a apropriação do novo e de tudo o que ele estabelece.

A função formadora da literatura consiste em poder agir no leitor, no entanto, não de forma autoritária e oficial, ela age, conforme afirma Candido (1972), com o impacto indiscriminado da própria vida e, ao mesmo tempo em que ensina, atua com toda força questionadora e formadora. Sendo assim,

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação interhumana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito. (CANDIDO, 2006. p. 31)

Nesse sentido, uma obra distópica pode proporcionar ao leitor uma reflexão sobre seu próprio contexto social, pois, além de possibilitar um efeito impactante, de certa forma pode alertar, seja em relação a desigualdade social, interesse de tiranos, privação da liberdade ou ainda sobre as consequências desastrosas de suas próprias ações para com o meio ambiente.

Portanto, de acordo com Candido,

Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 1972, p.805).

Assim, a Literatura pode atuar de forma relevante na formação do indivíduo, contribuindo para a construção de valores diferentes em relação aos padronizados e difundidos no decorrer dos tempos, sendo que, nesta obra por exemplo, a Europa não se mantém como o epicentro do mundo e/ou como referência cultural única.

Considerações finais

Por meio da distopia de Agualusa (2015), vale destacar que os personagens que habitam os textos literários não diferenciam dos que vivem nas ruas ou em outros espaços de socialização, os quais são submetidos a condições sub-humanas. Estes, que não estão em balsas suspensas, mas em comunidades sem as condições básicas de sobrevivência, sem terem acesso à saúde e educação de qualidade, alienados no sistema econômico que reforça a desigualdade. Do mesmo modo, existem os que não residem em grandes dirigíveis, mas em posição social privilegiada. Além do mais, muitos leitores também sequer conhecem seus pais, e podem estar à procura dos mesmos, assim como Carlos no início da narrativa.

Sendo assim, é por meio da Literatura, que ocorre a representação de uma perspectiva, a qual vai denunciar o exercício do poder, desmascarando, e ampliando os horizontes do sujeito leitor, que passa a evidenciar outras vidas, ou ainda ver-se representado nesta.

Desse modo, ao produzir com e para seus filhos, o autor de *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015), motivado por um sonho, em que ao contrário de outras obras produzidas, parte do título, previamente definido, para produzir esta narrativa juvenil capaz de ampliar horizontes, seja do leitor jovem ou adulto.

Embora a narrativa se desenvolva a partir de um dilúvio, neste caso um evento desastroso provocado pelos humanos, as distopias chamam a atenção para um determinado problema, o qual pode se tornar realidade no futuro. E desta forma, como característica do gênero, o diálogo que *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2015) articula, prende a atenção do leitor, apresentando a destruição do mundo o qual o mesmo está inserido.

Desconstrói-se uma maneira única de pensar o céu, conforme os mitos religiosos, que reforçam a crença da vida após a morte, e o céu como destino dos bons. A produção

distópica, nesse sentido, vai além, pois, representa paradoxos e anseios da população, os quais constituem inversões de aspectos do mundo factual, além de, também apresentar diálogo com passagens bíblicas, revisitando mitos religiosos (Dilúvio, Jonas e a baleia, Gafanhotos, etc).

A leitura literária, como base para projetar-se um futuro melhor, também foi considerada nesta narrativa, pois, dentre as inúmeras aldeias, Luanda é referência em livros, cujo narrador-protagonista descreve o acervo, que com muito trabalho, foi levado ao céu após o dilúvio: “[...] Os bibliotecários, os informáticos, os contabilistas e os pesquisadores. A estes últimos cabe a missão de encontrar e adquirir novos livros. Invejos. Sempre quis ser pesquisador. A minha mãe coordena este pequeno mundo”.

Desta forma, o percurso dos personagens, no céu, proporciona ao leitor, viajar também no universo literário, e assim, deixa claro que “O melhor da viagem é o sonho” (AGUALUSA, 2015, p. 183). A narrativa assim, apresenta uma perspectiva de vida entre as nuvens, fazendo despertar profundos questionamentos sobre o compromisso com a vida, pois uma anti-utopia pode vir a se tornar fato.

O romance assim, possibilita um novo olhar para o que existe no mundo real, estabelecendo diálogos, seja humanizando ou mesmo desestabilizando. Além do mais, instiga o leitor, seja jovem ou não, a procurar sua própria *ilha verde* que habita em seus sonhos.

Por fim, considerando tais aspectos analisados no romance, nota-se que o mesmo conduz o leitor a um determinado tempo e lugar que antes só existiam no imaginário do autor. Projetando assim, uma maneira de representar, por meio da Arte, um futuro pessimista e ao mesmo tempo peculiar.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, J. E. *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores*. São Paulo: Editora melhoramentos, 2015.

AGUIAR, V. T. de; MARTHA, A. Á. P. (Orgs) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução em português: João Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ed. Barueri. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.1248p.

BOOK TRAILER. *A vida no céu*. Disponível em <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/a-vida-no-ceu/>. Acesso em 24 de dezembro de 2018.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC. São Paulo, 1972. P.803-809.

COSTA, M. G. *Navegando entre as nuvens: a aventura utópica em a vida no céu*. Miscelânea, Assis, v. 19, p. 49-63, jan.-jun. ISSN 1984-2899. 2016. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v-19-art-3-maria-g-costa.pdf>> Acesso em 31 de agosto 2017.

CEIA, C. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, 2017. <<http://www.edtl.com.pt>>, Acesso em 26 outubro de 2017.

JACOBY, R. *O fim da Utopia: política e cultura na era da apatia*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma época antiutópica*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MACHADO, A. M. Hospital da alma. In:___ *Balaio: livros e leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. A importância da leitura. In:___ *Silenciosa Algazarra*. Companhia das Letras, 2011.

HILÁRIO, L. C. *Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da sociedade*”, In: Anuário de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 18, n.º 2, pp. 201- 215. 2013.

PAVLOSKI, E. *1984: A distopia do indivíduo sob controle*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR- Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2996/A%20Distopia%20do%20Indiv%20%3Fduo%20Sob%20Controle.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

PINHEIRO, M. *Uma Leitura do Romance A Vida no céu de José Eduardo Agualusa, à luz do conceito de Crossover fiction*. Dissertação apresentada ao Departamento de Línguas e Culturas. Portugal: Universidade de Aveiro, 2015. 79p.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 2. ed. Trad. De Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALENTE, T. A. *Utopia, distopia e realidade: um novo verismo na literatura para jovens*. UENP. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 70-74, jul./set. 2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8123/5812>>.

Data de recebimento: 16/09/2018

Data de aceite: 13/12/2018